

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNICAMBURY
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ANA CÉLIA GOMES VERAS DE FREITAS

**VIVÊNCIAS DE UM TRANSEXUAL: OS DESAFIOS ENFRENTADOS
EM RELAÇÃO ÀS CRENÇAS E ESTERÉÓTIPOS DA SOCIEDADE**

GOIÂNIA

2021

ANA CÉLIA GOMES VERAS DE FREITAS

**VIVÊNCIAS DE UM TRANSEXUAL: OS DESAFIOS ENFRENTADOS EM
RELAÇÃO ÀS CRENÇAS E ESTERÉÓTIPOS DA SOCIEDADE**

Artigo apresentado ao Centro Universitário
CAMBURY como requisito parcial para obtenção
do título de Psicólogo.

Orientadora: Prof. Esp. Jéssica Florinda Amorim

GOIÂNIA
2021.

ANA CÉLIA GOMES VERAS DE FREITAS

**VIVÊNCIAS DE UM TRANSEXUAL: OS DESAFIOS ENFRENTADOS EM
RELAÇÃO ÀS CRENÇAS E ESTERÍOTIPOS DA SOCIEDADE**

Artigo apresentado ao Centro Universitário UNICAMBURY como requisito parcial para
obtenção do título de Psicólogo.

Profa. Esp. Jéssica Florinda Amorim

Prof. Me. Marcelo Assis

Prof. Me. Mayck DJúnior Hartwíg

AGRADECIMENTOS

A minha Família por todo apoio oferecido e por acreditar na minha capacidade.

A Jéssica Florinda Amorim minha supervisora de estágio e orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso, por me encorajar a enfrentar os meus medos, mostrando que disfuncional não é o mundo e sim a minha cognição com relação a mim mesma, os outros e o mundo, nesse percurso ela me apresentou com perfeição em todos os aspectos a Terapia Cognitiva Comportamental (TCC) abordagem a qual eu me identifiquei e tenho me dedicado desde então.

Ao Me. Wanderson Barreto por me ensinar a olhar o mundo de forma humanizada me apresentando o universo da psicologia social, me apresentar a Análise do Comportamento de forma linda e fazer com que eu me apaixonasse por essa abordagem e de forma delicada me faz observar o comportamento humano em relação ao meio ambiente e sempre levar o meu copo em confraternizações.

À M^a. Geane Santos por fazer parte do meu processo de graduação, por toda paciência e o cuidado em corrigir meu trabalho. Minha admiração por você, por sua atuação, e pelo seu alto grau de conhecimento é imensurável.

Minhas amigas: Maria Cristina Arruda e Daisy Santana Marinho também graduanda de psicologia, por estarem sempre ao meu lado, sempre me acolhendo e me reerguendo quando pensei em desistir

“Existe uma maneira de categorizar os corpos? O que as categorias nos dizem? As categorias nos dizem mais sobre a necessidade de categorizar os corpos do que sobre os próprios corpos”.

Judith Butler

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBTQIA+	Lésbicas; Gays; Bissexuais; Transexuais; Queer; Intersexuais; Assexuais e +
TCC	Terapia Cognitivo Comportamental
ONG	Organização Não Governamental
CFP	Concelho Federal de Psicologia
CID	Classificação Internacional de Doenças
CFM	Conselho Federal de Medicina
SUS	Sistema Único de Saúde
GLBTT	Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais
PL	Projeto de Lei
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 MÉTODO	16
2 RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS	23

VIVÊNCIAS DE UM TRANSEXUAL: OS DESAFIOS ENFRENTADOS EM RELAÇÃO ÀS CRENÇAS E ESTERÉÓTIPOS DA SOCIEDADE

Ana Célia Gomes Veras De Freitas

RESUMO: Hoje, somos confrontados com uma ideia amplamente arquitetada: todo mundo tem seu corpo e tem o direito de fazer com ele o que quiser e vem o binarismo social bater de frente e divergir com essa ideia, é nesse descompasso que a transexualidade vem tomando proporções cada vez mais importantes diante da sociedade contemporânea que abrangem principalmente as crenças e também as ideias distorcidas que a sociedade tem diante dessa comunidade e a diversidade da identidade de gênero tem enquanto não patológicas. A partir da perspectiva da Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) foram evidenciadas possíveis articulações de alguns autores e o desenvolver do percurso da transexualidade a partir da história de vida do ativista pelos direitos humanos e LGBTQIA+ João W. Nery do livro “Viagem Solitária”, e de como a psicologia pode contribuir nesse processo de transformação e de humanização.

Palavras-chave: Transexualidade. Binarismo. Humanização. Transfobia. Crenças.

ABSTRACT: Today, we are confronted with a widely contrived idea: everyone has their body and has the right to do with it what they want and social binarism comes to fight and diverge with this idea, it is in this mismatch that transsexuality has been taking proportions each increasingly important in the face of contemporary society that mainly encompass the beliefs and also the distorted ideas that society has in relation to this community and the diversity of gender identity has while not pathological. From the perspective of Cognitive Behavioral Therapy (CBT) possible articulations of some authors and the development of the transsexuality course were evidenced from the life story of the human rights and LGBTQIA+ activist João W. Nery from the book “Viagem Solitaria”, and on how psychology can contribute to this process of transformation and humanization

Keywords: Transsexuality. Binarism. Humanization. Transphobia. Beliefs.

INTRODUÇÃO

Na sociedade atual o debate envolvendo minorias tem se tornado cada vez mais frequente, possibilitando assim que ideologias preconceituosas sejam confrontadas e desmistificadas. No que se refere a essa pesquisa que tem como recorte a população: lesbica; gay; bissexual; transexuais; queer; intersexo; assexual e + que é utilizado outras variações de sexualidade e grupos de gênero (LGBTQIA+), a construção científica tem se tornado cada vez mais um aliado nessa luta.

Se tratando da comunidade LGBTQIA+ a luta por igualdade de direitos vem acontecendo há décadas e através dos movimentos sociais, esse grupo de pessoas tem conquistado mais vozes e fazendo que ideologias heteronormativas sejam desconstruídas. Como afirma Alain Touraine (1998) movimentos sociais são ações coletivas que um grupo de pessoas que buscam por igualdade e justiça social, e libertação de uma sociedade tradicionalista, preconceituosa.

Para melhor compreensão do preconceito no que se refere a identidade de gênero se faz necessário a discussão sobre a Terapia-Cognitiva Comportamental (TCC). O surgimento desse modelo de abordagem foi desenvolvido por Aaron T. Beck, médico psiquiatra e professor na Universidade de Pensilvânia, com o foco na depressão e voltada para entender e modificar os pensamentos e comportamentos irregulares.

No final da década de 1960 com a intenção de comprovar a suas teorias sobre a depressão, Beck realizou uma série de teste onde seus resultados mostraram que em sua maioria pensamentos e crenças são fatores importantes no desenvolvimento da depressão. A exemplo disso Knapp (2008 p.02) afirma “... TCC persistiram, especialmente a ênfase na influência do pensamento distorcido e da avaliação cognitiva irrealista de eventos sobre os sentimentos e comportamentos do indivíduo.”

Este artigo tem o propósito de apresentar reflexões a partir dos conceitos de crenças e pressupostos empregados na perspectiva da Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) destacando principalmente como as crenças conduzem ou afetam ideias socialmente distorcidas sobre a população Transexual e como essas ideias afetam o funcionamento de uma pessoa transexual.

Seguindo essa linha de pensamento a autora Bento (2012) transcreveu o Manifesto Contra a Natureza do Joel Maldonado.

“Minha vida tem sido uma constante luta com a natureza.
Disseram-me que os corpos de “homem” são mais fortes que os corpos das mulheres.
Eu praticava esportes suportando mais que muitos, para demonstrar para mim mesmo e para os demais que isso não era certo.
Diziam que um corpo de “homem” era alto, forte, ativo, tinha por “natureza” mais sexualidade que um corpo de mulher, e eu ao não poder suportar isto, tentei tirar meu corpo do meio, porém, fracassei em minha tentativa de suicídio...
Sentia-me um monstro, por decidir, por amar, por ser diferente, por não querer ser “mãe” por “natureza”.
Hoje já se passaram anos destes dias de constantes rebeldia, de constante perseguição a mim mesmo.
Minha vida tem sido uma constante luta contra a natureza.
As explicações rebuscadas que diziam que eu estava doente ou louco, me faziam sofrer até meus limites.
O que se faz quando se está farto de chorar?
Quanto tempo perdi tentando demonstrar suas constantes mentiras!
Quantas vezes terão utilizado meus aparentes “fracassos” para reduzir-me a ser só “natureza”!
Para aqueles que seguem “naturalizando” o “feminino” e o “masculino”, para aqueles que espalham essa má semente de ver o ser humano, eu reafirmo minha decisão de desenraizá-la, pois só me trouxe sofrimento e, ao crescer, me fez constante sombras...
Minha vida tem sido uma constante luta contra a natureza.

Reafirmo que uma pessoa é tão válida como outra, um feminino é tão válido como um masculino e os masculinos e femininos se equivalem.

Nego-me acreditar que isso não seja possível.

Reafirmo minha rebeldia contra a natureza, contra “o estabelecido”, contra tudo aquilo que nos roube “a esperança”. Reafirmo minha rebeldia contra tudo aquilo que nos negue, antes de tudo, nossas próprias vidas.”

Joel Maldonado - Manifesto Contra a Natureza (BENTO, 2012)

A transexualidade tem trazido vários debates dentro da sociedade que dialoga com a diversidade e com a valorização da liberdade que é pregada em escolas e também no meio sociológico. O preconceito voltado para comunidade transexual é denominado de transfobia. É bastante comum ver grupos sociais falando desse tema, do desconforto causado por esse comportamento tão hostil, mas, pouco se sabe sobre o verdadeiro significado, pior do que isso é saber que a transfobia é apenas um dos inúmeros desafios enfrentados em meio à sociedade contemporânea.

Esse comportamento é um dos causadores das distorções cognitivas formadas a partir das crenças, entende-se, que esse modelo mostra que “não é a situação em si que determina o que a pessoa sente, mas como ela interpreta uma situação” (BECK, 1964; ELLIS, 1962, p.50).

Nesse sentido, além de dialogar com diferentes autores, essa pesquisa objetiva também analisar a narração autobiográfica de João W. Nery no livro “Viagem Solitária”, onde em sua trajetória será identificado a partir da TCC as principais crenças desenvolvidas em seu contexto, e assim mostrar novas visões sobre os problemas enfrentados no decorrer da vida de um(a) transexual.

De modo, inicialmente será apresentado o conceito de transexualidade e as reflexões que o modelo binário traz para a conceituação destes termos e como a cultura hegemônica limita os discursos sobre gênero.

Butler (2003, p. 30 e 31), cita:

Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como domínio imaginável do gênero (BUTLER, 2003, p. 30, 31).

Na TCC, o principal causador da intolerância e do preconceito na sociedade são as crenças. A partir da teoria de Beck (2013), as crenças se iniciam no começo da infância, isto é, as crianças desenvolvem determinadas ideias sobre si mesmo, sobre as outras pessoas e o seu mundo. As suas crenças mais centrais ou crenças nucleares, são compreensões duradouras tão fundamentais e profundas que frequentemente não são articuladas nem para si mesmo. A

pessoa considera essas ideias como verdades absolutas- é como as coisas “são” (BECK, 1987). São as interpretações sobre os fatos, mais do que os fatos em si, que fazem as pessoas se sentirem ou se comportarem de determinada maneira (BECK,1997; PEREIRA e RANGÉ, 2011).

A Terapia-Cognitivo Comportamental viabiliza o entendimento da interação de um indivíduo com o meio, proporcionando uma melhor compreensão dos processos cognitivos principalmente voltados para crenças e valores sociais, a construção identitária de um(a) “transexual” se dá a partir dessas crenças e valores. O termo “Transexual” só foi utilizado a partir de 1966 pelo sexólogo alemão Magnus Hirschfeld. Radicado nos Estados Unidos, ele criou esse termo para procedimentos clínicos de identificação e atendimento a pessoas transexuais, chamados de “padrões de cuidado” (JESUS, 2018), termo utilizado desde então até os dias de hoje.

Ao pesquisar a definição de transexual se observa preconceito logo na primeira busca em dicionário formal: Transexual- relativo ao transexualismo. Transexualismo- PSIQ sentimento de total falta de adaptação ao seu próprio sexo, associado a um desejo forte de adquirir características físicas do sexo oposto – “é um indivíduo que se sente mal com o sexo biológico” (MINIDICIONÁRIO HOUAISS, 2008 p.728). Estas definições podem ser entendidas como tendo cunho preconceituoso, porque a realidade pode superar essas definições, uma vez que ser um(a) transexual vai muito além de uma pessoa que não se sente bem com o sexo de origem.

A transexual mulher tem um pensamento de mulher, personalidade de mulher, a sexualidade como de uma mulher assim como o transexual homem que também se sente e é perante a sua singularidade um homem. Existe transexual que faz redesignação de sexo, outros não, isso não os diferem uns dos outros. O que os diferencia é a maneira como a comunidade os assimilam, os percebem muitas vezes sendo influenciados pelo determinismo biológico, que na maioria das vezes é com discriminação gerando um desgaste psíquico bastante maléfico para esse indivíduo.

O livro Viagem Solitária de João W. Nery mostra que as transexualidades abrangem uma série de opções que uma pessoa sente o desejo de adotar, temporária ou permanente, o comportamento e os atributos sociais de gênero (masculino ou feminino), em contradição com sexo genital Nery (2011).

A realidade é que a transexualidade infelizmente foi historicamente posta em invisibilidade por conta de crenças e pressupostos distorcidos e por consequência, quase não

se tem evidências de fenômenos transexual, ainda que se trate de pessoas que enfrentaram preconceitos, medos, dúvidas, violência física e emocional.

A primeira mulher trans (termo coloquial) a entrar para a história foi a dinamarquesa Lili Elbe, ou pelo menos, a primeira registrada, ao passar por um procedimento de redesignação de gênero, outras com bastante destaque na história da transexualidade no mundo a fora foram Christine Jorgensen, Brandon Teena, Caitlyn Jenner, Angela Ponce, Jamie Clayton, Nicole Maine, Chaz Salvatore Bono, Laverne Cox.

Bento (2012), no início do livro “O que é transexualidade?”, citou um texto bastante reflexivo do cartunista espanhol Joel Maldonato, compreendido como um profundo desabafo e uma explicitação do real sentimento vivido mostrando, também, aqui no Brasil não foi diferente. Logo nas suas primeiras escritas ela trouxe uma manchete de uma revista que dizia: “A mulher mais bonita do Brasil é um homem”. Pela primeira vez na história do país a sociedade começou a se deparar com as confusões de gênero em escala midiática. Roberta Close trouxe para a cena nacional um olhar incrédulo de pessoas que examinavam naquele corpo exuberante algum sinal de masculinidade. Roberta Close causou um grande impacto e conquistou posto de trans mais emblemático do Brasil.

No ano era 1984, o país estava no auge das mudanças decorrentes da ditadura militar e uma grave crise econômica e ainda assim a modelo conquistou lugar privilegiado que inspirou um debate nacional, complexificando os discursos sobre corpo, gênero, sexualidade, identidade. Além da Roberta Close outras trans que trouxeram mudanças significativas acompanhadas de olhares críticos e ao mesmo tempo humanizado e com bastante destaque no Brasil, foram Laerte Coutinho, Lea T, Rogéria, Valentina Sampaio, Thammy Miranda, Tiffany Abreu, João Nery.

O determinismo biológico é uma vertente que não poderia jamais deixar de ser lembrada quando se trata da comunidade trans. O que chama bastante atenção no determinismo biológico é a confusão identitária que a comunidade trans sofre no decorrer da sua história, que gera um sofrimento exacerbado. Esse indivíduo além de ter que encarar as dificuldades de aceitação do seu corpo de origem tem que lidar também com a não aceitação da sociedade higienista, para discorrer melhor sobre essa questão, partindo dessa implicação vem a teoria QUEER que objetiva a se emancipar da heteronormatividade transfóbica.

Os estudos queer ou teoria queer é entendido com clareza na obra de Berenice Bento – *A Reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Publicado pela Garamond, este livro se ancora em histórias de vida de pessoas que mudaram o corpo,

cirurgicamente ou não, para se tornarem reais, para não serem 'aberrações', expressão comum entre as/os transexuais, e sugerirá que as explicações para a emergência da experiência transexual devem ser buscadas nas articulações históricas e sociais que produzem os corpossexuados e que têm na heterossexualidade a matriz que confere inteligibilidade aos gêneros (BENTO, 2006).

Mas, a fundadora da teoria queer é Judith Butler, segundo ela a teoria queer tem como principal finalidade a desconstrução de categorias que surgiram ao longo da vida. É importante ter em mente que uns dos contextos definidores da teoria queer nos anos de 1980 e 1990 foi o vírus da Aids e a reação de muitos defensores da “cultura hétero” contra os gays, em resposta ao que era (e ainda é) geralmente vista como uma “praga gay (SALIH, 2012).

Ao discorrer sobre a comunidade transexual é notório falar de papéis de gênero, ou seja, é preciso problematizar o determinismo biológico imposto pela sociedade de que existe apenas uma forma binária de existir; ou se é “homem” ou “mulher”. Este determinismo binário de gênero é representado e de certo modo reduzido pelos órgãos sexuais.

No mesmo sentido, destaca Felissimo (2018) que a primeira norma imposta ao corpo é a do sexo biológico, que se atrela a expectativas em relação à performance de gênero dos indivíduos, determinando-lhes a identidade civil e estabelecendo também a sexualidade, a gestualidade e a afetividade “corretas”. Por trás desse conjunto de princípios normativos, encontra-se um domínio ideológico responsável pelo estabelecimento daquilo que se toma como normalidade.

Judith Butler, no livro “Problema de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade”, além de problematizar as definições de gênero a autora busca pontos de vista diferentes e faz com que os leitores tenham uma autorreflexão dos seus pensamentos uno normativos com os seguintes questionamentos: haverá “um” gênero que as pessoas possuem, conforme se diz, ou é o gênero um atributo essencial do que se diz que a pessoa é, como implica a pergunta “Qual é seu gênero? Butler (2018).

O Ministério dos Direitos Humanos (2018), no Manual Orientador sobre Diversidade, mostra que por ser um papel social, o gênero pode ser construído e desconstruído, ou seja, pode ser entendido como algo mutável e não limitado, como define as ciências biológica.

O que realmente é importante é que independente da identidade de gênero, da orientação sexual, a comunidade trans precisa acessar os mesmos direitos que os demais. Os programas de proteção à diversidade visam garantir esses direitos, o que já é um grande feito,

se considerarmos o preconceito e a intolerância presentes nas formas de atos agressivos e até mesmo assassinatos das pessoas que não se identificam com os ideais heteronormativos.

O manual orientador sobre diversidade divulgou um dado bastante reflexivo de que a expectativa de vida de uma pessoa Trans no Brasil é de aproximadamente 30 anos (ANTRA, 2018), menos da metade da expectativa de vida geral do brasileiro (que é 76,6 anos no ano de 2019, segundo o IBGE). Na mesma ocasião divulgou a campanha “*Deixe Seu Preconceito De Lado, Respeite As Diferenças*” Disque 100, a campanha tem como objetivo promover o esclarecimento geral da população em relação à naturalidade das múltiplas orientações sexuais (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade e assexualidade) e identidades de gênero (cisgênero, transgênero, transexual, mulheres e homens trans e travestis) e visibilizar principalmente outros espaços onde a população LGBTQIA+ muitas vezes não tem acesso. Visa reduzir as diversas formas de preconceito que culminam em atos brutais de violência contra a população LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, transexuais, queer, intersexo, assexual e outras possibilidades de orientação sexual ou identidade de gênero) (Manual Orientador sobre Diversidade, 2018).

Os dados citados no parágrafo acima mostram que um(a) transexual vive em situação de extrema vulnerabilidade social e o que subsidia essa realidade é principalmente a transfobia. Mas, o que é a transfobia? A transfobia é todo e qualquer tipo de preconceito, aversão ou discriminação com pessoas transexuais, um indivíduo transfóbico ele tem um olhar que desvaloriza e marginaliza. Essas atitudes vão desde agressões morais ou psicológicas, até a agressões físicas e mais gravemente assassinatos. Pior de tudo é a frequência desses assassinatos, vidas que são ceifadas por conta da intolerância.

Dados da ONG Transgender Europe (ONG europeia aponta o Brasil como o país que mais tem homicídios de pessoas trans. Essas atitudes são reproduzidas a partir de estereótipos da sociedade heteronormativa produzidas principalmente pelas crenças formadas pelo ambiente a qual as pessoas foram inseridas. Todas as características da transfobia são produzidas por crenças nucleares que segundo a TCC essas crenças influenciam no desenvolvimento de uma classe intermediária de crenças que são as atitudes, as regras e os pressupostos (frequentemente não articulados) Beck (2011).

Por se tratar de grupos minoritários as pessoas transexuais são alvo de crimes de ódio e intolerância, esses crimes são formas de expressão do preconceito e, por se tratar de um grupo pouco protegido o estado não dá a relevância necessária e indiretamente isso contribui para que esses crimes aconteçam.

A cultura heteronormativa excludente da diversidade e sexualidade costumam fixar as suas crenças no que se refere ao binarismo, desse modo ela fortalece estereótipos negativos com relação a gêneros e valida arduamente a transfobia.

Bento (2008, p. 163), afirma:

Quando se afirmar que existe uma norma de gênero, deve se pensar em regras, leis, interdições e punições. São corriqueiras as notícias de pessoas transexuais e travestis assassinadas no Brasil sem que haja apuração dos culpados. Acaba -se produzindo uma hierarquia das mortes: algumas merecem mais atenção do que outras. (BENTO 2008, p.163).

Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero (Princípios de Yogyakarta) onde fala de direito à vida pontua que toda pessoa tem o direito à vida. Ninguém deve ser arbitrariamente privado da vida, inclusive nas circunstâncias referidas à orientação sexual ou identidade de gênero.

A pena de morte não deve ser imposta a ninguém por atividade sexual consensual entre pessoas que atingiram a idade do consentimento ou por motivo de orientação sexual ou identidade de gênero (CORRÊA, MUNTARBHORN, 2018).

A patologização e tentativas de reversão da identidade de gênero também é um problema gravíssimo que os transexuais enfrentam. Em 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) deixou de entender a homossexualidade como uma doença ou problema mental, mas ainda existe muito para mudar, a transexualidade até os ano passado estava enquadrada na Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, a CID, CID-10 na classificação F64.0 que eram entendidos por alguns psiquiatras como um transtorno mental sustentando assim a ideia da reversão de identidade de gênero, uma prática abusiva que por incrível que pareça é utilizada de forma indiscriminada por psicólogos, psiquiatras e instituições religiosas violando os direitos humanos.

Depois de muita luta a comunidade LGBTQIA+ finalmente conseguiu retirou a transexualidade do grupo de transtornos mentais e já atualizado no CID-11. Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero (PRINCIPIOS DE YOGIAKARTA, 2007, p.07) destaca que:

Muitos avanços já foram conseguidos no sentido de assegurar que as pessoas de todas as orientações sexuais e identidades de gênero possam viver com a mesma dignidade e respeito a que todas as pessoas têm direito. Atualmente, muitos Estados possuem leis e constituições que garantem os direitos de igualdade e

nãodiscriminação, sem distinção por motivo de sexo, orientação sexual ou identidade de gênero (PRINCIPIOS DE YOGIAKARTA, 2007, p.07)

Por conta de algumas denúncias, reunidas com as Comissões de Direitos Humanos do Sistema Conselhos de Psicologia, a Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia (CFP) tomou ciência de outras tentativas de “reversão”, que abarcavam também expressões/ identidades de gênero. Fatos esses que ocorreram quase 20 anos após o início de vigência da Resolução CFP nº 01(1999), o que causa bastante preocupação. Em janeiro de 2018, o Conselho Federal de Psicologia publicou a Resolução CFP nº 01(2018), que estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis (CFP, 2019).

João W. Nery em um de seus desabafos no seu livro “Viagem solitária” fez o seguinte protesto: “Ainda hoje somos considerados “Disfóricos de gênero” ou doentes mentais, pelo código internacional das doenças Classificação Internacional de Doenças (CID- 10), assim como os homossexuais o foram até a década de 1970 nos EUA” (NERY, 2017).

É impressionante o quanto crenças causam impactos na vida de um(a) transexual, impactos muitas vezes irreversíveis, estigmas incuráveis que podem modificar todos os aspectos da vida de um indivíduo. Jesus (2017) reforça dizendo que “somos tão estigmatizadas. Silenciadas. Ridicularizadas. Violentadas. Invisibilizadas. O machismo e a transfobia nos perseguem, ferem e causam sofrimentos”.

Andar na contramão da contemporaneidade e enfrentar os desafios na realidade de um(a) transexual deveria ser uma responsabilidade generalizada, afinal de contas as vivências sociais nesse sentido sobrepõe às leis e constituições em defesa dos direitos a igualdade, direitos de ir e vir, direito de ser quem quiser ser. Nesse sentido, se destaca algumas vivências desafiadoras, e ao mesmo tempo positivas e com relatos inspiradores de alguns trans brasileiros que emocionam, inspiram, encorajam algumas pessoas a enfrentar todos esses desafios e buscar liberdade, respeito e o seu lugar de direito. Uma fala bastante reflexiva da companheira de João W. Nery: “Ele foi uma pessoa que espalhou amor e potência de vida, abraçando o mundo com muita coragem. Mas a um custo pessoal alto, físico, emocional, social” (SALEWSKI, 2018, p.15).

1 MÉTODO

No que se refere ao delineamento, esta pesquisa é de cunho qualitativo e quantitativo. A pesquisa qualitativa baseia-se no estudo das relações sociais e humanas, mostrando a relevância de fatos socioculturais para construção da sociedade atual. Segundo a definição de Creswell (2010) busca entender o significado que os indivíduos ou grupo atribuem a um grupo social ou humano. Segundo Gerhardt; Silveira (2009) os pesquisadores que usam a temática qualitativa buscam entender o porquê das coisas, utilizando diversas abordagens.

O método utilizado foi uma análise das vivências de um Transexual, baseado numa revisão de literaturas já publicadas sobre esse tema onde foi avaliado as crenças geradoras de preconceitos e estereótipos na perspectiva da Terapia Cognitivo-comportamental (TCC) de Aaron Beck. Objetivou criar diálogos a partir da autobiografia do psicólogo, ativista, escritor João W. Nery o livro “*Viagem Solitária*” de 2011, considerado o primeiro trans-homem a realizar o processo cirúrgico de mudança de sexo no Brasil, em meio uma cultura heteronormativa marginalizadora voltada para binarismo sexual e uma época que quase não se discutia sobre diversidades de gêneros.

E, não bastasse sua história ser emocionante e admirável, ele ainda fez dela um ato político e a transformou em inspiração para muitos transexuais também lutarem por reconhecimento e respeito”, nessa narrativa buscarei que de fato o título dessa pesquisa propõe, e também analisar a trajetória, as dificuldades e os percalços de um trans que lutava contra uma cultura que por conta de crenças distorcidas e estereótipos negativos não aceitavam as diferenças. No percurso da narrativa planejo também discorrer sobre todo o processo de transformação e porque sua história virou um ato político e um modelo de inspiração na comunidade transexual.

Ao fazer a análise da história de vida e trajetória do autor farei um estudo voltado para entender a sua relação com a sociedade, com a família e principalmente a sua relação consigo mesmo e dos impactos de uma visão binária e como essa visão marginaliza, voltada principalmente para suas crenças, erros cognitivos e as influências social nesse funcionamento.

Buscarei contextualizar minuciosamente onde o autor conta a sua odisséia, na transformação de Joana para João em uma época em que a cirurgia de transgenitalização era conhecida como mutilação, de forma a investigar fenômeno da transformação e encontro com seu novo corpo e segundo o autor a transformação de “um novo homem”.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cultura heteronormativa e marginalizadora causa estigmas psíquicos profundos, muitas vezes irreversíveis, o que nos leva a crítica de Butler (2003) sobre a fala de Simone de Beauvoir que afirma que, por ser variável, o gênero é “construído”, mas há um agente implicado em sua formulação, um *cogito* que de algum modo assume ou se apropria desse gênero, podendo, em princípio, assumir algum outro. É o gênero tão variável e volitivo como parece sugerir a explicação de Beauvoir? Para responder a Judith Butler, de forma bem expressiva, Lanz (2014) afirma, um homem não precisa mais necessariamente ter nascido “macho” para tornar-se homem, como uma mulher não precisa ter nascido “fêmea” para assumir esse rótulo. Um “macho biológico” pode perfeitamente tornar-se mulher, como uma “fêmea biológica” pode perfeitamente tornar-se homem.

Nery (2011, p. 46) em sua perspectiva diante do meio social em que vivia

Transformei-me literalmente num marginal, pois vivia à parte, à margem. Não pertencia nem ao grupo majoritário heterossexual e aceito nem a qualquer grupo minoritário e discriminado. Não me sentia mulher e nem homossexual. Ainda desconhecia todas as categorias “inventadas” em meados do século XX. Sabia que não era aprovado pela maioria. Em que grupo existente eu me enquadrava? (NERY, 2011, p.46).

A fala do autor destaca bem o confronto entre o corpo e o sujeito, a realidade é que João W. Nery só queria ser aceito, queria apenas se enquadrar em alguma categoria ou rótulo, conforme mostra a afirmação em que diz: “Esmolava aceitação. Vivia a sombra de um estigma de solução ignorada. Assim caminhava: com uma tristeza de valente alegria. Alheando do que sabia por não saber o que era” (NERY, 2018, p.76).

Validando essa triste realidade vem Cassana (2018) dizer que o corpo que desvia dos padrões inculcados pelas sociedades sempre é estigmatizado, sendo considerado bizarro e monstruoso. Com João W. Nery não foi diferente, ele passou por várias situações em que era exposto a estereótipos negativos, pressupostos, regras e atitudes que criaram estigmas profundos diante desse cenário.

Para Cassana (2018), o discurso sobre os corpos se constrói na relação com estereótipos, com os padrões de “normalidade”, que são produzidos a partir de uma perspectiva médica, científica e biológica e passam a compor a própria história dos corpos. Nery (2011 p. 135)

“Embora pertencesse a vários outros grupos- profissional, familiar, estudantil (comecei a fazer mestrado), em nenhum desses os estigmas deixavam de ser manipulados. Não tinha tranquilo escudo para me defender por meio de nenhum

grupo sexual específico. Não conhecia nenhum onde eu pudesse me identificar. Desde cedo fui obrigado a aprender a me proteger por conta própria das pressões de todos os grupos. (NERY, 2011, p.135).

Os estereótipos são formados a partir das crenças nucleares, essas crenças se reproduzem com o confronto do que a cultura dominante chama de “natural”, de uma certa maneira os estereótipos são atalhos, caminhos mais curtos de interpretações de um determinado conceito.

A formação das crenças no enredo de João W. Nery está presente em diversas partes, e principalmente nas influências do desenvolvimento, e que é bastante evidenciado na parte I. Nesse capítulo é possível identificar essa formação de crenças em diversos momentos.

Nery (2011, p. 34)

[...] fui uma criança triste. Na pracinha, perto de casa, onde costumava brincar, era ridicularizado. No colégio, não tinha grupinhos e, em casa, não era compreendido. [...] me tornei um ser acuado. (NERY, 2011, p.34).

Como podemos ver nos trechos acima, assim como as crenças das pessoas que conviviam com João eram disfuncionais, elas também faziam com que João desenvolvesse crenças disfuncionais, modificando totalmente a interpretação da sua realidade e produzindo estereótipos negativos e tornando suas experiências sociais cada vez mais traumáticas.

Esses estereótipos continuaram sendo fortalecidos ao longo do seu desenvolvimento como mostra Nery (2011, p. 37)

Tome jeito, menina, parece um homem! Isso não é maneira de se comportar! Uma mocinha não faz isso, não senta assim, não fala assado, não come assim, não olha assado! Não! Não! Não!

No decorrer da vida, João adquiriu estratégias compensatórias para tentar se adaptar com as construções sociais referentes a sua identidade de gênero, essas suas estratégias compensatórias foram de evitar participar de grupos e não expor suas emoções e aspirações. Como mostra Beck (2011) “suas interações com o mundo e as outras pessoas, influenciadas pela sua predisposição genética, conduzem a determinados entendimentos: suas crenças, as quais podem variar na sua acurácia e funcionamento” (BECK, 2011, p.55).

Fazer pesquisa sobre transexualidade é se deparar com um emaranhado de informações e conceitos distorcidos circunvalado de senso comum, e uma confusão com os termos “identidade de gênero” e “orientação sexual”. Nesse sentido, explica Cassana (2018), que “orientação sexual” é reservado para pessoas que possuem algum tipo de atração (afetiva

e/ou sexual) por outra pessoa de outro ou do mesmo sexo. Já a expressão “identidade de gênero” tem a ver com identificação (formas de se identificar ou ser identificada) das pessoas na sociedade- que podem ser aos gêneros masculino ou feminino. João W. Nery tinha consciência da sua confusão identitária de gênero ainda bem pequeno, e deixa evidente na parte que diz: “Todos me viam como uma menina. Para mim, era um menino. Havia um abismo entre como me viam e como me sentia.” (NERY, 2011, p. 36).

E para complementar Lanz (2014,) vem dizer que é sempre importante lembrar que “sexo” se refere tão somente às diferenças genéticas, fisiológicas e anatômicas entre a genitália do macho e da fêmea da espécie humana, enquanto gênero é um dispositivo de controle social instituído com base em normas de conduta culturais, políticas, jurídicas, etc. endereçadas específica e respectivamente a machos e fêmeas biológicas em cada sociedade e época.

Bento (2008) diz “que a transexualidade é um desdobramento inevitável de uma ordem e gênero que estabelece a inelegibilidade dos gêneros no corpo”, entende essa afirmação com o termo “construção” que é bastante questionado quando se trata do tema proposto.

Nesse sentido vem Butler (1990) dizer que nos limites desses termos, “o corpo” aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma. João W. Nery mostra que esse desdobramento não foi um processo fácil, apesar de ter sido involuntário, e estava presente desde a sua primeira infância. “Aos poucos, fui sentindo vergonha do meu corpo. Não ficava nu diante de ninguém. Era como se eu tivesse um defeito físico, um aleijão.” (NERY, 2019, p.30). João W. Nery sentia-se enclausurado por seu corpo ter uma discordância da sua natureza e a intensa necessidade de adequação ao gênero pertinente.

João com 26 anos já havia representado vários papéis antagônicos para se adaptar com a sociedade, mas o que ele queria de verdade era se submeter a cirurgias de adequação, mas, cirurgias desse tipo não eram permitidas no Brasil e se feito seria de forma clandestinas. Jorge e Travessos (2018) mostra que até 1997, as cirurgias de adequação sexual eram proibidas pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) no Brasil, e os médicos que se dispusessem a realizá-las poderiam ser julgados por lesão corporal grave, como aconteceu com o cirurgião Roberto Farina na década de 1970.

Nesse sentido, as cirurgias realizadas até esse momento eram feitas clandestinamente, transexuais que carecesse de cirurgias teriam que procurar outros países ou se submeter a

meios clandestinos. Foi nesse contexto (1977) que João W. Nery fez sua primeira cirurgia de redesignação sexual (cirurgia feita clandestinamente pelo cirurgião Roberto Farina), sendo o primeiro trans-homem a fazer esse tipo de cirurgia no Brasil.

Graças à resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) nº 1.482/1997, a clandestinidade dos processos cirúrgicos interventivos transexualizadores foi excluída, porém era permitido somente em hospitais universitários. Só em 2002 que houve uma revisão da referida pelo o CFM e assim publicou a Resolução CFM nº 1.652/2002 que: rejeita o fenótipo de automutilação; a cirurgia reconstrutiva da genitália não é mais considerada crime, passando a ter propósito terapêutico e fazendo com que o processo de transformação da genitália constitui a etapa mais importante no tratamento de pacientes com transexualismo.

Em 2006, foi apresentado o Projeto de Lei nº 6655/2006 que altera a lei nº 6015/73 ampliando a possibilidade de mudança para pessoas transexuais. Esse PL autoriza a substituição e mudança de nome para homens e mulheres trans, por conta da falta de uma lei que ampara essa comunidade, existe uma dificuldade para retificação do nome e sexo nos documentos para pessoas trans. Como exemplo temos João W. Nery que teve que renunciar a tudo: sua história, seus estudos, seus diplomas, seu currículo. Não teve escolha, adquiriu documentos falsos, se tornou analfabeto nas referências, embora tenha sido professor universitário, foi a única maneira de ele conseguir ser João e não Joana. mostrado em seu relato a seguir:

Dez dias depois estava eu, perfilando, diante da bandeira do Brasil e, enquanto prestava juramento de servir ao país em caso de ameaça externa, pensava que, enquanto Joana, eu era psicóloga, fazia mestrado, dava aulas em três universidades e mantinha um consultório repleto de clientes. Agora, como João, tinha perdido todo o meu currículo escolar e de vida. Era um analfabeto, sem direito nem aos anos de trabalho em carteira (NERY, 2011, p.240).

E em 2008 o Ministério da Saúde a portaria nº 1.707/2008 que barra ou autoriza os procedimentos necessários para transformação do corpo considerando que a orientação sexual e a identidade de gênero são fatores reconhecidos pelo Ministério da Saúde como determinantes e condicionantes da situação de saúde, não apenas por implicarem práticas sexuais e sociais específicas, mas também por expor a população Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (GLBTT) a agravos decorrentes do estigma, dos processos discriminatórios e de exclusão que violam seus direitos humanos, dentre os quais os direitos à saúde, à dignidade, à não discriminação, à autonomia e ao livre desenvolvimento da personalidade; com essa portaria, alguns processos de adequação transexual foram

estabelecidos no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) e em 2013 incluíram outras cirurgias complementares de redesignação sexual.

Os procedimentos transexualizadores feitos pelo SUS são: redesignação sexual (processos cirúrgicos), hormonioterapia e ainda cirurgias complementares como tireoplastia (redução do pomo de Adão para deixar a voz mais feminina), mastectomia e plástica mamaria reconstrutiva e histerectomia (retirada do útero e ovário). Para passar por esses processos são requisitadas algumas exigências: maioridade, acompanhamento psicoterápico por pelo menos dois anos, laudo psicológico/ psiquiátrico favorável e diagnóstico de transexualismo.

João, embora não tenha terminado suas cirurgias de redesignação sexual, em seu enredo mostra que isso não deixou ele menos homem ou pai. Enfrentou uma cultura heterocentrada patriarcal para modificar e superar suas crenças, desenvolveu estratégias de enfrentamento que utilizou ao longo da vida como mostra a seguir:

As cirurgias e os hormônios tinham me aberto mais, permitindo-me conservar valores aprendidos no mundo das mulheres. Tornara-me um homem feminino, sem ser efeminado. Felizmente, a testosterona não havia me dado a agressividade exacerbada. A minha virilidade, contraditoriamente, passou a servir, também, como um instrumento, para que agora pudesse combater o mundo heterocentrado, patriarcal, no qual os poderes dominantes impedem os vários potenciais da vida. Havia descoberto que há várias masculinidades diferentes e que são construídas também pelas tecnologias da cultura dominantes. (NERY, 2011, p.330).

João W. Nery deixou um legado incrível, foi psicólogo, escritor, referência nacional como ativista por direitos humanos LGBTQIA+ e pelo reconhecimento de transexual pela sua identidade pertinente, morreu em 26 de outubro de 2018. “[...] sua história seguirá como combustível para impulsionar a luta que tantos milhares e transexual tem pela frente em busca de seu reconhecimento”. (SALEWSKI, 2019, p.18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que para engendrar novos benefícios voltados para comunidade transexual é importante primeiramente que a sociedade entenda a performatividade subjetiva de cada indivíduo, e, para que isso aconteça a sociedade precisa se inteirar, buscar um melhor entendimento sobre as questões da Transexualidade e assim evitar conceitos estereotipados e preconceitos. E em seguida colocar em extinção o binarismo heterocentrado que categorizam, marginalizam e causam estigmas. Nesse sentido há uma emergência temática voltada para o

plano legal, social e simbólico desse contexto visando principalmente a equidade e a humanização.

Nessa pesquisa, pude identificar alguns confrontos ocasionados por crenças nucleares disfuncionais arraigadas, e que de forma cultural é vista como natural, é nessa visão natural que são reproduzidos os estereótipos (um dos principais causadores da transfobia) e é a partir dela que é definido a relação do sujeito com o outro, com o mundo e com ele mesmo. De modo mais simples, as crenças sociais interferem significativamente na formação das crenças do indivíduo. Com João W. Nery não foi diferente, ele teve diversas crenças sociais que refletiram diretamente em seu funcionamento no decorrer da sua história, mas, ele para driblar essas crenças e buscar arduamente seu propósito desenvolveu diversas estratégias de enfrentamento.

No decorrer do seu enredo, mesmo com crenças e estereótipos destorcidos, ele conseguiu se reinventar efetivamente, aprendeu a expor o seu pensamento sem medo de ser julgado e passou a defender e compartilhar o seu confronto identitário. Essa foi a única maneira de conseguir ter acesso a processos transexualizadores de adequação do corpo. Conseguia então se ver como um “trans-homem” cuja “identidade de gênero” é de homem e sua “orientação sexual” é se envolver afetivamente com mulheres. Definitivamente, João se refez, impulsionado pela obra de Miguel Missé intitulada *El Género Desordenado* como mostra sua fala tirada do trecho citado por Miguel Missé: “Considerarei-me por muito tempo um inválido sexual, que precisava de artifícios para poder ter prazer, quando talvez o problema estivesse mais na minha cultura com todos os seus significados, “que fazem de um simples gesto um critério clínico para definir se alguém é ‘verdadeiramente’ um homem ou uma mulher” (NERY, 2011, p.296).

A transexualidade é um fenômeno identitário onde o indivíduo não se sente pertencente ao seu sexo biológico, a partir da visão de Nery essa identidade gênero é dinâmica e é influenciada pelo desenvolvimento da cultura dominante.

As resoluções trazidas vieram para destacar as conquistas da comunidade transexual. Esses benefícios são principalmente para cunho terapêuticos e busca de integração entre o corpo e a identidade sexual psíquica pertinente ao indivíduo e aos princípios de autonomia e justiça.

Assim, uma outra emergência temática para pesquisas futuras é destacar as questões relacionadas aos efeitos colaterais causados pelo processo transexualizador (cirúrgico e hormonal) pois, as técnicas cirúrgicas utilizadas na atualidade na maioria das vezes

necessidades de reparos. Nesse sentido, essas técnicas merecem pesquisas mais aprofundadas a fim de minimizar os efeitos e reduzir a frequência desses reparos.

Com relação às pesquisas realizadas para produção desse artigo, percebi uma escassez de trabalhos voltados para a comunidade LGBTQIA+ na perspectiva da Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), a maioria das pesquisas encontradas foram na perspectiva psicanalítica Freudiana e outras poucos voltadas para o Behaviorismo, resultando na necessidade de produção de novas pesquisas a partir dessa perspectiva.

Para concluir essa pesquisa com o poema de Leticia Lanz Psicanalista, Escritora, Mestre em Sociologia, Especialista em Gênero e Sexualidade e também uma das principais ativistas pelos direitos LGBTQIA+ e citado por João em sua obra:

Pessoa “trans” é aquela que está em constante “trans-formação”, disposta a “transpor” todos os obstáculos. É aquela pessoa que “trans-gride” regras e padrões de conduta, “trans-mitindo” a sociedade, de forma absolutamente ‘trans-parente’, novas ou inexploradas possibilidades de realização. Pessoa “trans” é aquela que “transcende” a si mesma, tentando expressar o mundo a pessoa que ela realmente é, em vez da pessoa que o mundo acha que ela deveria ser (Leticia Lanz). (NERY 2011, p. 309)

REFERÊNCIAS

- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. 2.ed. atual. São Paulo. Editora Brasiliense, 2012.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. 2. ed. (Trad. Sandra Mallmann da Rosa). Porto Alegre: Artmed, 2013.
- LANS, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Curitiba, 2014.
- TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos? iguais e diferentes**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- KNAPP, Paulo. Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva. **Rev. Bras. Psiquiatr.** 2008, v.30, suppl.2, p.s54-s64.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2012.

NERY, João W. **Viagem Solitária**: A trajetória pioneira de um transexual em busca de reconhecimento e liberdade. 2. ed. Rio de Janeiro. Leya, 2019.

MOIRA, Amara, BRANT, T., ROCHA, Marcia, NERY, João W. **Vidas Trans**: A luta de transgêneros Brasileiros em busca de seu espaço social. Bauru-SP. Astral Cultural, 2017.

CASSANA, Monica Ferreira. **Corpo em discurso**: Ressignificando a transexualidade. Curitiba-PR. Appris, 2018.

FELISSÍMO, Manuella. **Discurso e sociedade. Gênero e corpo**: uma análise do discurso sobre a transexualidade, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais/Betim (Brasil), 2018.

Beck, J. S. **Terapia Cognitiva**: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 1997. Obra original publicada 1995.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP 001/1999 de 22 de março de 1999. **Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs**. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/resolucao-01-99/historico/>. Acesso em: 17 nov. 2020.

BRASIL, Ministério da Mulher, da Família e os Direitos Humanos. **Manual orientador sobre a diversidade**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/ptbr/assuntos/noticias/2018/dezembro/ministerio-lanca-manual-orientador-de-diversidade> . Acesso em: 20 nov. 2020.

PEREIRA, M. e RANGÉ, B. Terapia cognitiva. In: _____ **Psicoterapias cognitivo comportamentais**: um diálogo com a psiquiatria. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 20-32.

PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA. Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Yogyakarta, Indonésia. 5-13, Disponível em: http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf. Acesso: 01 de Out. de 2020.

JESUS, Jaqueline. Cult. In: Notas sobre as travessias da população trans na história. Rio de Janeiro: **Autentica**, 12 jun. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/umanova-pauta-politica/>. Acesso em: 15 set. 2020.

SBRASH - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS EM SEXUALIDADE HUMANA, 1., 2006, São Paulo. **Revista Brasileira e Sexualidade Humana** [...]. Rio de Janeiro: [s. n.], 2006. 123 p. v. 17. Disponível em: https://sbrash.emnuvens.com.br/revista_sbrash. Acesso em: 23 set. 2020.

DIÁRIO DAS LEIS. PORTAL DE LEGISLAÇÃO. Disponível em: <https://www.diariodasleis.com.br/busca/exibelink.php?numlink=1-92-29-2008-08-18-1707>.